

APRESENTAÇÃO

A prática etnográfica é o ofício do antropólogo(a) social. Ela é uma metodologia que se desenvolveu vinculada aos quadros teóricos e conceituais desenvolvidos pelos intelectuais da antropologia em diferentes ambientes universitários e institucionais e em diversos processos históricos. Ela envolve, de modo singular, as ações de observar, de escutar e de registrar na forma escrita como técnicas de pesquisa operacionalizadas: observações, entrevistas e descrições dos processos de interação com indivíduos e grupos em seus dinamismos macro e microestruturais. Neste princípio, a grafia das diversidades socioculturais ultrapassa os projetos reacionários de perspectivas exotizantes e chega à contemporaneidade com disposições dialógicas de enfrentamento das determinações ideológicas e coercitivas e alcança qualidades de convivência social e responsabilidade política de complexidade planetária.

A prática etnográfica é um saber-fazer que adentra o terceiro século da profissão no âmbito das ciências das humanidades como método científico que agrega técnicas quantitativas e qualitativas seguida de análises reflexivas.

A partir das invenções de instrumentos de registros fotográficos, sonoros e, em sequência, dos registros fílmicos, a produção em imagens, cedo, se colocou como alternativa de apontamento das ações interativas e do patrimônio de culturas em seus simbolismos. Inicialmente, restringindo-se ao estatuto de técnicas de memorização e registros dos pesquisadores, desde o tempo das primeiras invenções, a maquinaria de reprodução do real observado (aparelhos fotográficos) ou escutado (gravadores) faz parte do cotidiano da investigação de campo, da observação direta, das entrevistas, dos diários e relatos.

Dilemas e embaraços desta produção preocuparam o(s) antropólogo(a)s em face da problemática das alteridades e da ética de pesquisa no nascimento da disciplina administrativamente definida por “antropologia visual” ou “audiovisual”. Um aprimoramento técnico e dramático das aprendizagens etnográficas nos legaram hoje um rico patrimônio de produção em imagens visuais e sonoras.

Em face deste significativo acervo etnográfico de antropólogo(a)s, que experiências podemos transmitir? Que aprendizagens podemos testemunhar? Que questões importam agora discutir para agregar um valor político e crítico aos projetos desenvolvidos? E, finalmente, qual, é de fato a contribuição dada pela pesquisa com imagens às pessoas e aos grupos estudados? Seja na forma da produção compartilhada,

seja na forma da restituição, o quê as experiências intersubjetivas produzidas revelam? Com que autores e saberes antropológicos interpretativos dialogaram os pesquisadores em seus estudos de campo etnográficos?

Estas questões ressaltam os desafios que este número da Revista *Illuminuras* se propõe abordar. As contribuições recebidas são extremamente relevantes e por isso organizamos os trabalhos selecionados em dois números em sequência, dezembro 2012 e janeiro 2013.

O número de dezembro de 2012 abre com o artigo de Sylvania Caiuby Novaes intitulado “A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia”. Detentora de uma importante coleção etnográfica em fotografias e documentários videográficos é sobre a produção fotográfica que a antropóloga se detém. Para nos apresentar uma interpretação sobre esta coleção fotográfica a autora contextualiza, inicialmente, a construção da prática e do saber em antropologia visual para logo partilhar uma trajetória de produção local e no exterior. Do Brasil, é, sobretudo, a experiência junto aos Bororos que ela relata. Do estrangeiro, ela se refere às imagens produzidas no Paquistão e na Etiópia. Para cada situação a autora aponta dimensões diversas da problemática da pesquisa de campo: de relação, de consentimento, de restituição, e de circulação do acervo imagético pesquisado. A autora analisa essas questões à luz de autores contemporâneos atentos aos desafios da pesquisa com imagens.

Para contrastar com esta experiência com produção fotográfica, incluiu-se o artigo de Carmen Guarini sobre antropologia fílmica. Esta antropóloga e cineasta aporta uma reflexão centrada no seu último filme, mas que ao mesmo tempo remete ao conjunto de seus trabalhos que tratam do tema da memória social no contexto argentino. Em “Calles de la Memoria” (Ruas da Memória) a antropóloga trata do processo construtivo da narrativa dos interlocutores em suas ações e depoimentos sobre os acontecimentos políticos com os habitantes de um bairro. A partir de um exercício de formação com seus alunos, a perspectiva da narrativa em primeira pessoa é problematizada tanto na forma discursiva, quanto no enquadramento e no que é captado no acontecimento. Essa memória acionada em gestos simbólicos leva a autora e seus alunos a refletirem sobre a filmagem e edição destes atos de lembranças retomando a proposta da antropóloga e cineasta Trinh T. Minh-ha sobre o conceito do “El Otro Inapropiado”. A encenação dos protagonistas enquadrados e captados pela câmera implica em uma vontade de transmissão de conhecimento de um processo político persecutório colocando em alto relevo os conflitos vividos pelas gerações em torno do

esquecimento/memória das experiências traumáticas acometidas por determinações de Estado. A sensibilidade ao tema e a formação fílmico-antropológica para captar esta complexidade performática em que o próprio grupo de alunos é desafiado a se colocar ou não em cena (e na edição final) são *démarches* teórico-metodológicas que a autora orienta para o tratamento documental de filmar a memória.

Em seguimento, o artigo de Emiliano Dantas e Renato Athias traz à tona a problemática da tomada de imagens nas pesquisas etnográficas no campo religioso, em especial em cultos afro-brasileiros. A experiência relatada “A Fotografia e o Segredo”, tem por contexto três cidades em Pernambuco e destacam o tema do segredo como dilema ético do consentimento por parte dos estudados. O artigo retoma pesquisas que abordaram anteriormente estas questões e coloca em debate, a partir da experiência de um grupo de pesquisa interdisciplinar, reflexões em torno do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do uso da imagem.

Micheline R. de Oliveira é o próximo artigo e relata sua experiência de fotografar em um presídio feminino, universo de pesquisa de sua tese de doutorado. Tendo por base as questões da imagem do outro e de si, no artigo intitulado “Uma experiência etnofotográfica num presídio feminino” a autora aprofunda o dilema de pesquisar e fotografar na situação da rotina no presídio. O consentimento por parte das detentas implica na preservação da identificação, mas é autorizado à antropóloga revelar um mundo de gestos e hábitos cotidianos o que implica, é claro, a reflexão do ato de deixar-se fotografar pela antropóloga presente de forma extraordinária em suas reclusões.

Fruto de uma experiência etnográfica densa, o artigo “Por um click: notas de uma pesquisa de campo sobre o emprego doméstico no Recife” de Virgínia Areias Pereira desvela situações de trabalho de domésticas da região metropolitana do Recife (PE), tema base de sua pesquisa de mestrado desenvolvida em 2011. Discutindo a experiência de desfamiliarização e familiarização da pesquisadora com este mundo estudado, a autora relata a importância do registro fotográfico junto às entrevistas com as trabalhadoras. Ao analisar os relatos, a autora está atenta tanto a dimensão dos conflitos quanto as relações afetivas, perspectivas que aportam conhecimento sobre as desigualdades próprias da condição social em foco.

O tema da partilha da memória coletiva a partir do resgate e organização de uma coleção fotográfica que conta a história de uma cidade operária é o tema do artigo de João Martinho Braga de Mendonça intitulado “Ética, oralidade e pesquisa fotográfica”.

O contexto é a cidade de Rio Tinto, no estado da Paraíba e consiste em um projeto institucional coordenado pelo autor e desenvolvido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba. A trajetória interpretada é a de uma comunidade outrora operária e hoje lembrada nas entrevistas com os habitantes, com os antigos fotógrafos e ex-funcionários de uma empresa local falida. O intuito é elaborar um acervo fotográfico para, na forma de patrimônio pesquisado, restituí-lo aos moradores atuais seja no trabalho de triagem e acervo das fotografias, seja no formato fílmico de alguns arquivos trabalhados pela equipe universitária.

Trazendo notícia do norte, como define a autora Andréa Borghi Moreira Jacinto traz oportuno relato das atividades de um núcleo universitário de pesquisa que atua no Amazonas e em outros Estados. No artigo “Em Olhares trançados: algumas questões sobre a utilização do vídeo em projetos coletivos”, ela relata as experiências de produção e de extroversão de rico acervo imagético que gira em torno dos temas do direito, meio ambiente, territorialidades, questões étnicas entre outras.

O artigo que segue é de Carmem Silvia Moretzsohn Rocha e a etnografia com imagens agora não só reflete sobre a produção visual, mas tem por objetivo a interpretação de sonoridades afro-brasileiras constitutivas de seu ethos. A pesquisa de campo resulta de uma inserção em terreiro de Umbanda da cidade de Corumbá (MS) em que atores do universo pesquisado autorizam a partilha deste mundo sensível. Produção fotográfica, produção videográfica e o registro com gravador coparticipam do evento da grafia que trata da cosmologia umbandista problematizando o estudo dos universos afro-religiosos em diálogo com outras manifestações que afirmam a negritude, tais como o movimento negro e as comunidades quilombolas.

É da cidade de Natal (RN) que nasce o próximo relato. Durante uma Reunião Brasileira da Ciência para o Progresso, uma instalação artística foi promovida pelo autor do artigo, Mauricio Camargo Panella, que agora descreve a experiência. No âmbito das atividades de criação artística propostas pelo autor, este relata privilegiadamente a instalação do mapa da cidade reproduzido e impresso em uma escala possível de ser tapete para os passos de visitantes, ou impressões visuais sobre o corpo de protagonistas da cidade. O projeto é de interação com uma ampla comunidade no compartilhamento de imaginações, memórias, rotinas, cognições, sentimentos de pertença e sociabilidade. Estes microeventos são trazidas pelo autor no artigo “De fora adentro: uma experiência de pertencimento afetuoso, entorpecido, aéreo e enraizado com o mundo”.

A cidade observada revela-se, também, no artigo de Jesus Marmanillo. Após discorrer sobre a *démarche* da etnografia e a prática da observação revisitando uma bibliografia clássica tanto quanto estudos recentes, o autor descreve sua experiência etnográfica com a fotografia em uma pequena cidade do interior chamada Rorainópolis, localizada no estado de Roraima. Imagens registradas, observação relatada, o artigo “Lógicas imagéticas de uma sociedade interiorana: usos da fotografia e narrativa visual no Brasil Setentrional” contempla as diferentes temporalidades, concepções de vida e as tensões relação homem- natureza que inferem na paisagem urbana rorainopolitana.

Uma paisagem urbana em plena ebulição é, também, o mote de Marcos Freire de Andrade Neves no artigo “Um documentário revisitado: 555 Chocolateão”. A cidade agora é Porto Alegre e a reflexão agora é em torno de uma produção videográfica produzida no intuito de concluir sua formação em ciências sociais com ênfase em antropologia. Os personagens do documentário são os moradores da Vila Chocolateão que viveram uma situação territorial considerada administrativamente irregular. A pesquisa filmada registra o remanejamento para outra localidade como resultado de políticas municipais com orçamento participativo e transmite aos expectadores o testemunho de lideranças e viliros em suas sagas de exclusão.

Fechando este número, a autora Augustina Girardo oferece um estudo social em contexto citadino, Tandil, província de Buenos Aires (Argentina). O recurso imagético agora é fonte de interpretação de conflitos sócio-ambientais como o demonstra o título do artigo “Por un lugar en la ciudad. El uso de imágenes en un conflicto socioambiental”. Negociar a prática da pesquisa incluindo o registro fotográfico implica em consentimentos junto às estruturas institucionais do mercado de mineração, diga-se de passagem, não tão dispostos a concordar. O movimento em prol do ambiente (“explotación/preservación del recurso natural sierras”) no contexto urbano, tem proporções de mobilidade social de resistência à apropriação mercadológica. A fotografia testemunha esse tempo agitado que revela conflitos e embates em torno de diferentes interesses.

Fechando a revista, duas resenhas são divulgadas. A resenha de Kelen Pessuto interpreta o livro “São Paulo, Cidade Azul”, de Andréa Barbosa (São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012. 256 p).

Em seguida Fabiela Bigossi e por Luísa Maria Silva Dantas apresentam uma resenha do filme da diretora Camila Gonzatto, intitulado “Encontros e Dissonâncias” (Porto Alegre: Okna Produções, 2012. 52’).

Gostaríamos, por fim, agradecer o trabalho de correção e diagramação da bolsista Sabrina Rosa do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cornelia Eckert
Ana Luiza Carvalho da Rocha